

CONJUNTURA

Economia - Brasil

Durou pouco o recolhimento da ministra. Ontem ela responsabilizou os juros altos pela queda da produção, disse que o crescimento em 2006 pode ser de 4% se as taxas caírem e discordou do aumento do esforço fiscal

Ronaldo de Oliveira/CB/21.6.05



SANDRO LIMA

DA EQUIPE DO CORREIO

Após um breve período de silêncio sobre os rumos da política econômica, a ministra da Casa Civil, Dilma Rousseff, voltou a opinar, com toda a carga, sobre o tema. Culpou as seguidas altas da taxa de juros nos últimos seis meses pela queda de 1,2% do PIB registrada no último trimestre, desconsiderando a justificativa do ministro da Fazenda, Antonio Palocci, que apontou a crise política como causa. A ministra jogou mais pressão no presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, ao dizer que há uma sinalização de que haverá redução dos juros a tempo da economia voltar a crescer ainda no último trimestre e fortalecer-se em 2006. "Há todas as condições para no ano de 2006 haver um crescimento sustentado da economia acima de 4%", disse.

Mostrando que mantém a disposição para a polêmica, Dilma afirmou que a queda na taxa de juros e uma trajetória mais acelerada de crescimento permitirão, no futuro, a realiza-

ção de superávit primário menor do que 4,25% do PIB. É opinião oposta ao da equipe econômica, que defende um ajuste fiscal de longo prazo com a elevação do superávit e sua manutenção por um longo prazo para guardar recursos para conter e reduzir a dívida interna, principal fragilidade da economia brasileira.

Na última vez em que falou da política econômica, Dilma causou uma crise no governo. Ela criticou o ministro Palocci e classificou de "rudimentar" o ajuste proposto. Agora, a ministra foi mais sutil e cuidadosa. Apesar de manter as críticas, Dilma evitou atacar Palocci. Segundo ela, "não há a menor hipótese" do ministro ser afastado do governo.

"A manutenção dele no cargo é uma determinação do presidente Lula", afirmou a ministra, após participar de almoço com comandantes militares no Comando da Marinha. Dilma explicou que com a volta do crescimento, o governo terá mais facilidade para promover ajustes na política fiscal. "É melhor que seja feito o ajuste com a bicicleta andando, e não parada", afirmou a ministra.

Sem ouvir

Apesar das manifestações de Dilma, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva garantiu, em entrevista concedida ontem às emissoras Bandeirantes, CBN e Jovem Pan, que não existe fogo amigo dentro do governo contra a equipe econômica. Lula afirmou que as divergências entre os ministros são normais, mas, reclamou, deveriam ficar apenas dentro do governo. "A minha posição dentro do governo é que todos os companheiros do governo, todos os ministros, todos os assessores, tenham o direito de dizer o que quiserem, mas internamente". Questionado se estava pendendo para o lado de Dilma ou Palocci, afirmou que não há divisão no governo nem duas políticas econômicas.

Lula descartou enviar para o Congresso o projeto que dá autonomia operacional ao Banco Central. Para o presidente, o Banco Central já opera com autonomia. A taxa de juros, segundo Lula, não será modificada em função das eleições. "Você não pensa que o Palocci quer juros mais baixos? Você não pensa que o Meirelles quer juros mais bai-

xos? Que eu não quero? É lógico que eu quero. Mas essas coisas não serão decididas em função de um ano eleitoral", afirmou.

Cobrado pelo fraco desempenho das exportações brasileiras devido ao dólar desvalorizado, o presidente Lula garantiu que o valor da moeda norte-americana não será alterado de forma abrupta. "Não vamos desvalorizar o real por decreto. Não vamos desvalorizar por decreto, isso já foi feito e não deu certo. Nós vamos trabalhar para que ele chegue ao nível desejado, a um nível que possa ter equilíbrio sem tomar nenhuma medida de inventar uma mágica na questão do dólar", afirmou.

Segundo o presidente, "em algum momento" a política econômica vai garantir que o dólar e o real cheguem a um valor "normal", mas que isso não ocorrerá por pressão de determinados setores econômicos, referindo-se implicitamente aos exportadores, que têm registrado perdas expressivas. Boa parte da entrevista foi centrada em assuntos econômicos, principalmente na retração da economia no último trimestre, que registrou queda de 1,2% do PIB.